



Emanuel  
Aragão

Maria  
Flor

O  
amor  
ainda é  
possível?

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

 Planeta

Emanuel  
Aragão

Maria  
Flor

O  
amor  
ainda é  
possível?

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Maria Flor e Emanuel Aragão, 2026

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Ligia Alves

*Revisão:* Fernanda França e Luana Negraes

*Projeto gráfico e diagramação:* Gisele Baptista de Oliveira

*Capa:* Caio Maia

*Imagem de capa:* Dancing Couple (1909) by Ernst Ludwig Kirchner  
/ Rawpixel

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Flor, Maria

O amor ainda é possível? / Maria Flor, Emanuel Aragão. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

208 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-4278-2

1. Casamento 2. Relações conjugais 3. Relações entre homens e mulheres I.

Título II. Aragão, Emanuel

26-1461

CDD 306.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Relacionamentos interpessoais



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo, e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

## SUMÁRIO

- 17** 30 de novembro: a última carta
- 32** 14 de maio, seis meses antes: a primeira carta
- 44** 2 de junho
- 51** 12 de junho
- 62** 28 de junho
- 70** 9 de julho
- 83** 29 de agosto
- 91** 8 de setembro
- 107** 20 de setembro
- 118** 21 de setembro
- 131** 23 de setembro
- 142** 3 de outubro
- 157** 17 de outubro
- 166** 2 de novembro
- 181** 15 de novembro
- 190** 28 de novembro
- 204** 30 de novembro: a última carta

# 30 de novembro: a última carta

## O LIVRO

Comecei a ler aquele livro, chamado *Laços*, do autor italiano,<sup>1</sup> você sabe, o que eu ando lendo antes de dormir. O livro é sobre um casal que está junto faz muito tempo – dois filhos, casamento tradicional, anos 1970, a mulher cuida da vida e o homem provê. A história começa com a ruptura desse casal, e, por coincidência, o que abre o livro são as cartas da mulher para o marido, que acabou de deixá-la por outra, mais jovem, mais bonita e sem filhos.

Do meu ponto de vista ele é um grande babaca. Deixa a mulher e os filhos, não ajuda financeiramente e continua a vida como se não tivesse construído uma família, como se não tivesse tido uma vida antes daquela

1 Domenico Starnone, *Laços*, tradução de Maurício Santana Dias, São Paulo: Todavia, 2017.

que agora ele resolve levar. Ele segue como se não tivesse passado. A vida dele é apenas presente e futuro.

Não lemos as respostas dele para a mulher, mas ao longo do livro descobrimos que ele volta para ela. Não por amor a ela, mas por culpa, pelo remorso de ter deixado os filhos, por não conseguir ser pai das crianças sem a estrutura de antes. Ele não sabe como fazer para manter a relação com os filhos sem a intermediação da mãe. Não sabe ser pai dos filhos tendo um relacionamento com uma mulher que não é mãe dos filhos dele, como se as duas coisas não fossem compatíveis: ser pai e ser amante, no sentido de ser um homem desejante, um homem que faz sexo e deseja uma mulher e, ainda assim, consegue sair da centralidade e olhar para um outro, seu filho. E é difícil mesmo.

Ele volta pelos filhos e não pelo relacionamento com a primeira mulher. Ele não consegue sustentar a ideia de tê-los abandonado e, assim, volta à estrutura que garante que ele seja pai dos próprios filhos. Mas o que estava feito já estava feito, e os filhos estão quebrados. Um tremendo babaca. E ele era apaixonado pela outra mulher. Já tinha ido viver com ela, mas não teve coragem de ser pai e ao mesmo tempo assumir outra vida.

\* \* \*

Achei o personagem um grande merda. Se eu fosse a primeira mulher, teria dado um belo chute na bunda desse cara e colocado ele na justiça. Ele dá a ela a guarda dos filhos deles em determinado momento da separação. Inacreditável.

Mas tem uma coisa que ela fala na carta que escreve para ele bem no começo do livro em que eu fiquei pensando. Ela diz: "Caso tenha esquecido, egrégio senhor, permita-me recordar: sou a sua mulher". E eu fiquei pensando nesse pronome possessivo, "sua".

Sou *sua* mulher. Você é meu marido. Sou sua esposa.

A posse acaba com a ideia de uma relação construída e conquistada. Como a gente pode ser livre e dono de si mesmo numa relação a dois se coloca a coisa nesses termos? Quando entramos numa relação, imediatamente o outro vira posse, vira algo que nos pertence, passa a ser nosso objeto. E eu fico pensando na maluquice que é isso. Na maluquice que é se achar dono do outro, do desejo do outro, da vida do outro. E acho que um dos motivos que me mantêm aqui é o fato de me sentir sua – o que é uma contradição em relação ao que eu acabei de colocar –, ainda que seja livre, que me sinta muito dona de mim mesma, que não me veja aprisionada pelo pronome. Esse pronome não me aprisiona agora, e eu já me senti aprisionada por ele antes.

Fico achando bonito isso. Apesar de ser *sua* mulher, não me sinto sua, mas de mim mesma, das minhas escolhas, e uma dessas escolhas é ser sua mulher, é estar aqui construindo esse troço com você chamado casamento – não o casamento tradicional; um casamento que é pensado como uma parceria de olhar, cuidar um do outro e tentar manter a conversa, o diálogo, construir sempre alguma coisa junto, inventar realidades compartilhadas, não acreditar que o outro é seu. Porque acreditar que o outro é seu é se permitir também abandonar o outro como uma coisa que pode ser deixada lá. Um objeto de que você não precisa mais, que cumpriu seu papel. Esse marido do livro não enxerga a mulher como outro, e sim como seu objeto, então ele pode deixá-la e voltar se quiser, e ela estará esperando.

\* \* \*

Outra época, outras mulheres, outra masculinidade, outra paternidade. Só que, apesar de o mundo ter dado

voltas, isso tudo continua acontecendo. Homens continuam abandonando mulheres e filhos. É assim que funciona o privilégio masculino, eu acho, poder abandonar, poder viver outra vida, poder reinventar tudo e não olhar para trás. Os filhos, como a minha avó dizia, são das mulheres.

Eu venho achando que os homens têm melhorado. Não sei se é por causa de você, que eu considero um homem legal – claro, eu sou casada com você –, mas tenho encontrado alguns homens melhores, por assim dizer. Os pais dos amigos da escola do Vicente, por exemplo, alguns amigos antigos que reapareceram. Homens que vivem a paternidade de forma intensa, que estão presentes na vida dos filhos e que estão realmente pensando sobre a parceria do casamento.

Mas depois de ler o livro me peguei preocupada: será que eu estou enganada? Será que na verdade vocês, homens, foram feitos e programados para abandonar, e isso não vai mudar? Esse sempre foi um medo meu. Ser abandonada. Será que é de toda mulher? Será que tem a ver com esse tipo de literatura também? Por que eu estou lendo esse livro terrível dessa mulher abandonada? Será que é para estar sempre preparada, para não ser pega desprevenida? O livro é um aviso de que aquele homem uma hora vai te abandonar do jeito mais tosco e terrível. E a relação vai ficar para sempre quebrada e destruída.

\* \* \*

E foi engraçado que você me deu outro livro, o da Elena Ferrante. Você me contou que esse livro é uma espécie de complemento do *Laços*, apesar de serem autores diferentes. A história é realmente bem semelhante, apesar de se passar numa outra época, mais recente

– fim dos anos 1990, eu acho, já existe celular, mas ainda não existe rede social. A mulher do livro da Ferrante também é abandonada e ela também escreve cartas, mas nunca as manda.<sup>2</sup> São cartas que ela escreve para si mesma.

Em algum momento da vida, quando era jovem, ela quis ser escritora. Essa personagem é bem mais interessante. Nesse livro a mulher não fica à espera do marido voltar; ela se mantém íntegra. Tenta falar com ele, não consegue, por isso sofre, se desespera, se descabelá, quase enlouquece, mas acaba descobrindo um jeito de se refazer. É maravilhosa a cena em que ela descobre que o marido está transando com uma menina que o casal tinha conhecido quando era adolescente. Essa garota havia, inclusive, gerado uma questão para os dois na época. A adolescente era filha de uma pessoa próxima ao casal, não lembro bem quem era agora, mas, enfim, a menina cresce, entra na vida adulta, e o marido se apaixona por ela. Ele abandona a mulher com dois filhos em casa. Homens idiotas. Estúpidos.

Essa mulher sofre terrivelmente, mas pelo menos o marido deposita o dinheiro das despesas da casa todo mês. E ela acaba transando com o vizinho, que vira um parceiro importante na história. Tempos depois o marido tenta voltar, mas ela não o aceita. Ele diz que ela, então, precisa assumir toda a responsabilidade pelos filhos, senão o casamento dele com a outra, mais jovem, sempre mais jovem, não resistirá.

2 Elena Ferrante, *Dias de abandono*, tradução de Francesca Cricelli, São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

A protagonista fica com as crianças. O vizinho, que é um músico estranho e muito magro, é carinhoso e se mostra legal pra caramba com ela.

O final é otimista com as relações humanas. Uma mulher escrevendo, né? O personagem do músico me fez sentir menos raiva dos homens. É interessante o jeito como a Ferrante, essa autora misteriosa e fantástica,<sup>3</sup> acaba o livro. O músico dá à mulher um inseticida para formigas no início do livro. O cachorro da família morde o inseticida e morre envenenado. Não fica claro se ele morre por causa do inseticida ou por algo que comeu no parque, mas ele morre. Carrano, o músico, ajuda a protagonista com o corpo do cão, que na verdade nem era dela, era do marido. No decorrer da relação deles no livro, Carrano dá a Olga vários presentinhos, mas o último é um botão da lata de inseticida, aquele que apertamos para jogar o veneno em baratas ou formigas, sabe? E essa lembrança é especialmente significativa para a relação dos dois. Mas não importa tanto, não vou contar o livro todo aqui. O último diálogo é que é muito bom. O músico pergunta:

"O que aconteceu com você naquela noite?"

"Tive uma reação de excesso que rompeu a superfície das coisas."

"E depois?"

"Caí."

"E onde você parou?"

3 Elena Ferrante é o pseudônimo de uma escritora italiana cuja identidade permanece desconhecida. Ela recusa entrevistas presenciais, aparições públicas e fotos, o que alimenta uma aura de mistério em torno de sua obra. Seus romances sempre mostram grande intensidade psicológica.

“Em lugar nenhum. Não havia profundidade, não havia precipício. Não havia nada.”

E a narradora continua: “Abraçou-me, me apertou por algum tempo a seu lado sem dizer uma palavra. Tentava me comunicar em silêncio que ele sabia, por um dom misterioso, reforçar o sentido, inventar um sentido de plenitude e alegria. Fingi acreditar e por isso nos amamos longamente, nos dias e nos meses porvir, quietamente”.

Não é lindo? Ela fingindo que acredita no sentido criado por ele e por isso eles se amam. A gente tem que acreditar, né? Mesmo sabendo que o outro pode ir embora, mesmo sabendo que a gente pode ir embora. Porque é pertencer e despertencer ao mesmo tempo.

\* \* \*

Não sei por que estou escrevendo tudo isso, copiando trechos do livro aqui. A literatura me pegou e me fez querer escrever. Acho que entrei no corpo daquelas mulheres que não conseguem deixar os homens irem. Elas também se sentem donas deles.

A mulher do primeiro livro vai até o limite, ela tenta o suicídio. E o pior: o marido não vai vê-la. Mesmo assim ela o aceita de volta quando ele reaparece. Ela, na verdade, só descansa quando ele volta a ser dela, quando ele deixa de ser da outra. A posse o tempo todo contornando as relações.

Depois de um tempo fiquei pensando na volta desse marido do primeiro livro, o *Laços*, que é escrito por um homem, o autor italiano; os dois autores são italianos, né?

Mas, então, fiquei pensando. Ele volta porque não consegue viver sem as neuroses que os dois criaram juntos durante a vida de casal. Ele precisa ter de novo o

enroscos que tinha com a antiga mulher. Os dois ficam juntos novamente por hábito, por comodidade, por pertencimento e porque ele não consegue enxergar a vida dele com a nova mulher e os filhos do primeiro casamento. Nem ele nem a nova mulher tinham condições de lidar com todas as pressões sociais e psíquicas dessas escolhas naquela época, mas existe entre ele e a antiga mulher um laço que não é exatamente feito de amor, nem de cumplicidade. Esse laço é feito de uma dependência, de um funcionamento compartilhado, de um... como é mesmo que você chama? O enlace neurótico, mas a gente poderia chamar de laço neurótico também, que se tem com aquela pessoa. Por mais que você tente sair, e por mais que a vida possa ser até melhor do lado de fora, você não consegue sair.

Será que também tem isso? O casamento também é feito dessas neuroses compartilhadas que te amarram um pouco ao outro. Você precisa reconhecê-las e cuidar delas. Independentemente de elas serem ruins ou boas, temos que enxergá-las e saber da existência delas.

\* \* \*

Talvez ele tenha voltado também porque entendeu que precisava do contorno dela para ser pai dos filhos, para estar lá sendo pai e conseguir trabalhar ao mesmo tempo, numa realidade europeia da década de 1970, claro. Ele não conseguiria dar conta dos filhos, do trabalho e da nova mulher; simplesmente não era capaz. Ele precisava do cuidado da antiga mulher, da mesa posta, da organização da vida dos filhos e das compras do mercado, da roupa lavada no armário, dormir sossegado e acordar no dia seguinte disposto e estar lá para dar bom-dia e tomar café com os filhos antes de eles irem para a escola, para estar com eles no fim de semana, ser

pai deles. Sem a garantia da organização da antiga mulher ele não conseguiria. Ele não poderia fazer a mesa do café das crianças e colocar o uniforme para lavar e fazer o almoço e trabalhar e buscar na escola e ainda ter uma vida livre e jovem com a nova namorada. Não cabia na vida, e ele entendeu a própria limitação e voltou. Ele entendeu que precisava da contenção, como você vai dizer na sua carta.

E a mulher dele sempre soube que precisava desse homem para conter a maluquice dela com o controle e as contas da casa, com a mesquinharria dela e a pressão que ela sempre colocou nos filhos, e que piorou muito com a saída dele. Ela sempre soube que precisava, ela o deixou voltar por isso, mas ele teve que pagar pelo resto do tempo que ficaram juntos.

Não sei como eles fizeram, na verdade; as pessoas permanecem em relações que não fazem o menor sentido para quem olha de fora, mas que fazem sentido para quem está dentro. No final, não achei mais o personagem um homem escroto pura e simplesmente. Ele é falho, ele é humano, é egoísta e foi terrível o que ele fez, claro, mas ele foi ver, ele foi tentar. Já ela ficou apegada à vida que tinha antes e não se permitiu encontrar outro caminho, por mais difícil que fosse. Ela também é terrível. E ela também o fez voltar. Ele teve a inteligência de saber que não poderia ser pai dos filhos e não quis abrir mão disso.

\* \* \*

O que eu quero dizer é que existe essa neurose compartilhada, que pode ser mais importante que o amor, que a cumplicidade, que o sexo. Será? Ele diz em certo momento do livro que teme a mulher, e eu lembrei da sua carta. A carta em que você dirá que tem medo de mim.

Será que é importante esse medo? Será que ele faz a gente ficar junto também? Será que esse medo faz parte desse enlace neurótico complexo que é um casamento?

\* \* \*

Eu tenho medo do abandono. Espero que você não me abandone por uma mulher mais jovem. Eu não acredito que você vá fazer isso, e espero também não te abandonar por um rapaz mais jovem; e acho que não vou fazer isso. Mas o interessante é saber que podemos nos perder como casal e que nosso trabalho é sempre não deixar, saber que existe a liberdade de olhar e achar bonito, de imaginar, mas não de ameaçar a relação. Porque sabemos também que nós dois sofreríamos terrivelmente, mas sobreviveríamos. E acho que a gente não quer sofrer para depois sobreviver. Acho que a gente gosta de inventar outras dinâmicas na nossa vida como casal que não sejam sair do nosso casamento, da nossa parceria. E acho que esses casais não sabiam que podiam inventar outras realidades dentro do próprio casamento para não se entediar com ele, para o cotidiano não ser insuportável.

É um pouco como o livro da Ferrante no final: "Tentava me comunicar em silêncio que ele sabia, por um dom misterioso, reforçar o sentido, inventar um sentido de plenitude e alegria. Fingi acreditar e por isso nos amamos longamente, nos dias e nos meses porvir, quietamente".

O casamento talvez seja isto: fingimos que é para sempre, fingimos que o outro nos dá sentido e que damos sentido ao outro e por isso permanecemos, mas sabemos que é tudo inventado, sabemos que pode acabar ali na frente, tanto o casamento quanto a vida. Por isso fingimos que fazem sentido ambas as coisas. E continuamos.



Acabei de subir para pegar biscoitinho do Vicente para comer de larica e vi que você está dormindo. Eu estou escrevendo e você está dormindo. É sempre você que está escrevendo e eu que estou dormindo. Você está com uma virose e dormiu mais cedo hoje, mas eu quis ficar escrevendo.

Estou escrevendo também porque eu li esses dois livros. Esses livros, sobre duas mulheres que foram abandonadas, me fizeram perceber que eu tenho que ter a minha própria vida e que muitas vezes abro mão disso – e eu sei que você também abre. Se o nosso casamento acabar, eu não posso depender de você e nem você de mim, certo?

Mas casamento também não é depender um do outro?

E aí fiquei pensando que tem uma coisa complicada pra caramba no casamento, uma não, várias, mas essa coisa de ter que manter a liberdade e a independência mas, ao mesmo tempo, precisar, sim, ser dependente do outro e perder a liberdade para estar com o outro. Então é um trabalho de amálgama e distinção. E aí ninguém abandona ninguém, a gente cuida um do outro independentemente do que acontecer. E achei bonita essa ideia do casamento. Amálgama e distinção. Será distinção a melhor palavra? Seria melhor individualização?

Fui até o Google e achei outra palavra que pareceu interessante: individuação, que é um conceito do Carl Jung. "É um processo de autoconhecimento para se tornar um ser único e integrado." Não sei... eu sempre desconfio de inteligência artificial. Eu odeio essa coisa de IA, odeio, de verdade. Eu acho que o mundo está acabando, ninguém mais lê, a literatura virou uma tecnologia obsoleta. Mas a gente se rende, eu me rendi,

me diminuí, saí da literatura e fui para a tecnologia. Não sei por que a gente faz isso. Pesquisei também a origem da palavra "casamento". Você sabe de onde vem a palavra "casamento"? No ChatGPT diz que vem do latim, *casa* = morada + *mentum*, que é a ação, o ato de estabelecer uma união. Ou seja, inventar uma casa. Você sabia que era isso?

Voltei a pensar na nossa casa, a casa desejada, nossa casa própria, nosso plano da vida classe média. Mas esse projeto ainda precisa de tempo, eu acho... precisa de amadurecimento.

\* \* \*

Mas aí a escrita dessas nossas cartas me fez sentir diferente. Estou cansada de saber que o meu desejo é o desejo do outro. E estou cansada faz tempo de ser objeto do desejo do outro, você sabe disso, quantas vezes conversamos sobre isso. Estou cansada de ser atriz nesses moldes, esperar pelo olhar do outro. Estou cansada dessa dinâmica burra em que os atores esperam pelo streaming para colocá-los num lugar de destaque. Estou cansada de lutar pelos meus projetos e continuar sendo vista como objeto. "Ah, que gracinha. Ela quer dirigir, essa atriz." Essa é a frase que eu imagino passar na cabeça dos homens em posição de poder quando apresento minhas ideias e projetos para eles.

Você tem razão, o projeto da possível casa, dos possíveis cenários, me tira disso, desse lugar de objeto, porque na minha vida particular eu sou sujeito, eu sou o sujeito desejante de continuar aqui com você, de ter um filho, de olhar as possibilidades de vida e escolher. Ninguém escolhe por mim. Eu escolho. Eu me escolho, não preciso ser escolhida por ninguém na minha vida

íntima. Quer dizer, preciso ser escolhida por você, é verdade, mas acho que já saí da posição de objeto em relação a você, certo? Ou não? Ou essa posição nunca é integralmente perdida, ela precisa voltar. Precisamos estar às vezes na posição de objeto para o outro? Numa relação amorosa, que é uma parceria, temos que oscilar entre objeto e sujeito. Precisamos nos colocar às vezes na posição de objeto no sexo, por exemplo, para a fantasia sexual acontecer. Então tem isto também de complexo no casamento: temos que ser sujeitos, mas precisamos nos colocar no lugar de objeto para manter a fantasia. Faz sentido?

\* \* \*

E casamento precisa de projeto, de um projeto no qual os dois trabalhem juntos. Pode ser uma casa, pode ser um filho, pode ser uma viagem, pode ser qualquer coisa que faça aquelas duas pessoas conversarem, se ouvirem e terem o mesmo objetivo. E a gente precisa mesmo de um projeto junto, a gente precisa ir atrás de alguma coisa, de alguma nova invenção na nossa vida. É por isso que é tão importante que estas cartas possam virar um livro.

Um livro que é sobre a nossa relação, mas também sobre as relações humanas, um pensamento sobre o relacionamento. Pensando agora, talvez não seja fingimento, talvez seja uma invenção. Uma invenção de sentidos.

\* \* \*

Este livro é o nosso novo projeto juntos e, olha, ele nem custa dinheiro; ele não vai dar dinheiro provavelmente, mas ele não precisa de nenhum gasto para existir, ele só precisa da gente. E ele é uma nova etapa no

nosso casamento ou até um casamento em si. Como se esse projeto fosse o casamento da gente, como se fosse a nossa crise de dez anos e o nosso recasamento ao mesmo tempo. E é até romântico! Quem sabe a gente vai ajudar outras pessoas, outros casais, com as coisas complicadas que a gente andou falando um para o outro. Será? Será que faz sentido compartilhar coisas tão íntimas? Será que esse projeto pode manter a gente junto, buscando junto, inventando alguma coisa junto por mais alguns anos? Dando sentidos um ao outro e à vida.

\* \* \*

Esses dias chegou o meu mapa astral. Você não acredita em mapa estelar de jeito nenhum, você ri de mim quando eu falo sobre o que o meu astrólogo falou, mas esses dias chegou o meu mapa e eu fiquei ouvindo com você no carro. Você ria e me sacaneava e ria mais e eu fiquei fingindo que estava brava com a sua gozação, mas em determinado momento você começou a ouvir e a prestar atenção. E você começou a achar que fazia sentido.

Era alguma coisa sobre Júpiter na casa dez, que é um trânsito que acontece de doze em doze anos, e que estava acontecendo exatamente quando a gente se conheceu. Ali você se interessou pelo assunto, mas não deu o braço a torcer, só ouviu.

Enfim, meu astrólogo disse que os trânsitos estão muito favoráveis para trabalhar junto com o parceiro, que pode dar muitos frutos interessantes uma parceria dessa ordem.

Nós já temos o canal, mas ele está um pouco adormecido, sem muita emoção, um pouco como o nosso casamento de certa forma. Mas um livro juntos, uma

escrita que gere pensamentos e reflexões sobre nossa relação e sobre o relacionamento humano, pode abrir um campo para a gente de trabalho e de criação, pode ser um casamento sem tanta posse, onde a posse é um objeto externo a nós dois. O nosso livro.









O que fazer perante as dificuldades que atravessam a vida a dois, quando a conversa já não encontra lugar no cotidiano? Diante desse cenário, o casal Maria Flor e Emanuel Aragão recorreu a um gesto antigo: escrever. Ao longo de seis meses, trocaram cartas na tentativa de dizer o que se acumulou em silêncio e de sustentar, pela linguagem, um espaço de escuta possível.

Assim nasceu *O amor ainda é possível?*, um livro capaz de transformar a experiência íntima em reflexão compartilhada, atravessando temas como desejo, exaustão, filhos, redes sociais, rotina e tempo. Entre confissão e elaboração, intuição e análise, as vozes de Flor e Manu se misturam e se entrelaçam, dando forma a um texto em que o íntimo e o particular se abrem ao universal – e em que a pergunta que o atravessa encontra, nos leitores, novas ressonâncias.

 Planeta



9 786542 242782

 planetadelivrosbrasil  
 planetadelivrosbrasil  
 planetadelivrosbrasil  
 planetadelivros.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA A PUBLICAÇÃO EM LIVRO. Foto: Catarina Ribeiro